



## VIAGEM A PORTUGAL: CONTRIBUTOS PARA A CRIAÇÃO DE UMA ROTA SARAMAGUIANA

*JOURNEY TO PORTUGAL: CONTRIBUTIONS TO THE CREATION OF A SARAMAGUIAN ROUTE*

Vitor Sá – Instituto Politécnico de Gestão e Tecnologia\*<sup>1</sup>  
Manuel Tojal - Universidade da Maia e no Instituto Politécnico da Maia\*<sup>2</sup>

Palavras-Chave	Resumo
<p>Rota Saramaguiana; Viagem a Portugal; Percursos alternativos; Dinamização de áreas deprimidas.</p> <div data-bbox="167 1361 405 1619" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"><p>ISSN 2594-8407</p><p>Licenciada por <i>Creative Commons</i> Atribuição Não Comercial/Sem Derivações / 4.0/</p></div>	<p>O presente ensaio reflete sobre a importância e a pertinência da criação de uma rota turística <b>alicerçada</b> na obra <i>Viagem a Portugal</i>, de José Saramago. Cobrindo todo o território continental de Portugal e passando por centena de locais, a criação desta rota permitirá não só dinamizar áreas deprimidas, mas igualmente contribuir para uma maior literacia dos turistas. São reconhecidos pela Organização Mundial do Turismo (UNWTO) os benefícios das rotas turísticas para os territórios nelas inseridos. Nesta <b>perspectiva</b>, pretende-se que esta rota se ramifique segundo a lógica seguida neste livro, permitindo ao turista experienciar, tanto quanto possível, a vivência do narrador-viajante José Saramago no seu percurso pelo país. A criação de uma rota saramaguiana surge, por conseguinte, como corolário da reflexão crítica presente neste ensaio.</p>



<b>Keywords</b>	<b>Abstract</b>
<p><i>Saramaguian Route;</i> <i>Journey to Portugal;</i> <i>Alternative routes;</i> <i>Stimulation of depressed areas.</i></p> <div data-bbox="164 875 411 1205" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"><p><b>Submetido em:</b> 09/10/2022 <b>Aprovado em:</b> 17/11/2022 <b>Publicado em:</b> 17/11/2022</p><p><b>Editor:</b> Izac Bonfim</p></div>	<p><i>This essay reflects on the importance and relevance of creating a tourist route <b>underpinned</b> on José Saramago's Journey to Portugal. Covering the entire continental territory of Portugal and passing through hundreds of locations, the development of this route will not only stimulate depressed areas, but also contribute to a greater literacy of tourists. The World Tourism Organization (UNWTO) recognizes the benefits of tourism routes for the territories where they are located. From this perspective, it is intended that this route will branch out according to the logic followed in this book, allowing tourists to experience, as much as possible, the experience of the narrator-traveller José Saramago in his journey through the country. The creation of a Saramago route emerges, therefore, as a corollary of the critical reflection present in this essay.</i></p>

<p><b>Como Citar:</b> Sá, V., &amp; Tojal, M. (2023). Viagem a Portugal: contributos para a criação de uma rota saramaguiana. <i>Ateliê do Turismo</i>. Ensaio. 7 (1). 1-19. <a href="https://doi.org/10.55028/at.v7i1.17455">https://doi.org/10.55028/at.v7i1.17455</a></p>
--



## INTRODUÇÃO

As rotas são, hoje, reconhecidas como uma das estratégias para a dinamização de destinos fora dos grandes centros urbanos, indo ao encontro da tendência atual para o off beaten track (Matoga & Pawłowska, 2018), corretamente intuída já em 1981 pelo “viajante” saramaguiano, que prefere os percursos alternativos aos trajetos-modelo, sugerindo uma crítica ao mercado de viagens, que privilegia quase sempre os mesmos sítios em detrimento de outros, em seu entender, tão importantes como aqueles:

“É verdade que se acharão os lugares seletos da paisagem e da arte, a face natural ou transformada da terra portuguesa: porém, não será forçadamente imposto um itinerário, ou orientado habilmente, apenas porque as conveniências e os hábitos acabaram por torná-lo obrigatório a quem de sua casa sai para conhecer o que está fora. Sem dúvida, o autor foi aonde sempre se vai, mas foi também aonde se vai quase nunca” (Saramago, 2018, p. 15).

Sentiu claramente o escritor que era necessário criar, sobre Portugal, um livro que não se limitasse aos já estafados conselhos e sugestões de viagem presentes nos roteiros turísticos. É por isso que Leal (1999, p.193) sustenta ser esta obra “um guia turístico ao contrário, ou um guia do não turista”, uma vez que o seu autor tenta olhar o seu país como se o estivesse vendo pela primeira vez, sem aquela espécie de neblina que a familiaridade lança sobre a face das pessoas e das coisas.

Uma rota turística baseada na obra *Viagem a Portugal* permitirá, nesta perspectiva, contribuir para a dispersão pelo território dos proventos gerados pelo turismo, assim como para uma maior literacia e difusão da literatura portuguesa. Por fim, contribuirá seguramente para uma descoberta do percurso evolutivo do país nos últimos quarenta anos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar de relativamente reduzido nas duas primeiras décadas após a sua publicação, o interesse em torno desta obra tem vindo a crescer, com uma consequente intensificação da produção científica nela focada, desde o dealbar do século XXI. Existem trabalhos que se centram numa análise crítica a este livro de viagens (Henn, 2003), outros que se ocupam a dissecar o sentido da viagem e da paisagem para o autor (Kanán, 2021) ou a relação da geografia (Jacinto, 2015) e da fotografia com a literatura (Fernandes, 2014). Há autores que se debruçam sobre a reação do narrador-viajante perante as marcas medievais dispersas pelo território (Sabino & Simões, 2020), o seu discurso acerca do país, do seu povo e cultura (Besse, 2004; Cabral, 2009) ou ainda acerca da onomástica (Pereira, 2003). É possível encontrar outros autores que desenvolveram estudos comparativos entre a narração presente na obra em estudo e o relato de outros livros, como é o caso de *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett



(Alsina, 2006) ou de Janelas verdes, de Murilo Mendes (Sacramento, 2011), entre as visões de Lisboa nos discursos de Saramago e de Fernando Pessoa (Cabral, 2012), ou ainda entre a construção das representações espaço-temporais saramaguianas e as de “Um filme falado”, de Manoel de Oliveira (Tiago, 2012). Foram igualmente identificadas investigações que se centram na problemática da literatura de viagens recorrendo a este livro como exemplo atual desse gênero (Cabral, 2009); Fernandes, 2016), mas também abordagens que têm em conta o fenômeno da viagem em várias obras do Nobel português (Gonçalves, 2013). Merece também referência a reflexão de Fernandes (2016) sobre a literatura de viagens portuguesa, selecionando Viagem a Portugal como estudo de caso.

No que diz respeito à problemática das rotas turísticas em geral, existe já um número muito significativo de publicações. Lourens (2007) apresenta os fatores de sucesso para uma rota turística, demonstrando a importância da relação entre o setor privado e o setor público na criação e gestão de rotas. Ward-Perkins et al. (2020) optaram por uma abordagem mais holística, refletindo sobre o desenvolvimento de rotas turísticas com base em case studies, enquanto Cardia (2018) analisa o contributo de rotas e itinerários para um desenvolvimento turístico sustentável e Mutana & Mukwada (2020) estudam os impactos sociais de uma rota. Por seu turno, Rodrigues et al. (2018) averiguaram a relação entre a estada dos turistas e a oferta de rotas. Entre os inúmeros ângulos através dos quais as rotas turísticas são abordadas, as rotas vinícolas são, hoje, um dos temas mais investigados, sendo possível encontrar variadas abordagens ao tema (Brás et al., 2010; Chiodo et al., 2020; Cruz-Ruiz et al., 2020; Jacquet & Laferte, 2013; Kowalczyk, 2003; López-Guzmán et al., 2009; Telfer, 2001). É possível ainda encontrar estudos sobre outras tipologias/nichos, como é o caso das rotas paisagísticas (Denstadli & Jacobsen, 2011; Li et al., 2011), religiosas (Dayoub et al., 2020; F. Gonçalves et al., 2012; Øian, 2019) ou culturais (Belias et al., 2020; Bernier, 2013; Chountala et al., 2019; Ged, 2014; Moreno-Lobato et al., 2020).

No concernente às rotas literárias, apesar da produção científica não apresentar uma grande abundância, é, ainda assim, possível encontrar diversas abordagens. Ilić et al. (2021) refletem sobre a criação de rotas literárias, classificando esta área como muito prometedora. Por sua vez, Cabrera & Segura (2019) discutem o papel didático das rotas literárias, existindo também algumas abordagens focadas em rotas já existentes (Hmidani & Sguenfle, 2018; Rubén Pérez et al., 2020), nomeadamente no que diz respeito ao perfil do visitante (Gracia, 2020).

## **VIAGEM A PORTUGAL: A OBRA**

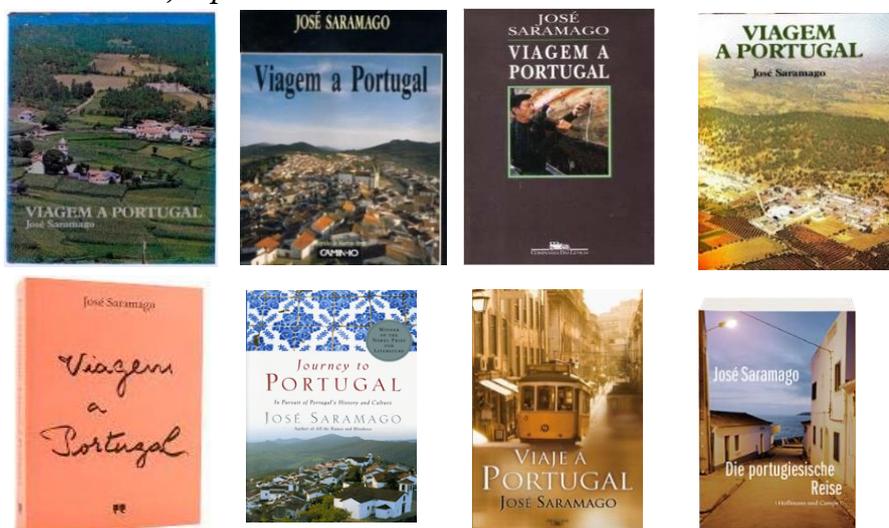
Convidado pelo Círculo de Leitores, José Saramago iniciou em outubro 1979 e terminou em julho de 1980 uma viagem pelo país que o conduziria em 1981 à publicação da obra Viagem a Portugal. Nesse périplo, Saramago percorreu grande parte do país, entrando nas mais recônditas e inóspitas localidades, por estradas e caminhos em terra batida. O automóvel (Renault 4L) serviu de meio de transporte para uma viagem iniciada em Miranda do Douro e encerrada em Santiago do Cacém. Esta obra conheceu



a primeira edição precisamente em 1981 pelas mãos do Círculo de Leitores, sendo sucessivamente editada dentro de portas pela Caminho e pela Porto Editora e no estrangeiro, entre outras, por editoras britânicas, francesas, americanas, espanholas e alemãs.

### Figura 1

*Capas de algumas das edições publicadas em Portugal a partir de 1981 e das edições americana, espanhola e alemã*



Fonte: vários sites de editoras

Na narrativa de Saramago, o narrador autointitula-se sistematicamente “o viajante”, levando o leitor a incorporar mais facilmente a experiência do próprio escritor. Como refere Gonçalves (2013, p. 22), o autor “abandona-se à viagem, transforma-se em palmilhador atento e próximo da realidade física que ante os seus olhos se desenrola, mas também, se converte em tradutor de uma subjetividade interior”, criando desse modo não apenas uma grande proximidade com o leitor, mas também promovendo a leitura e interpretação do território. Com esta abordagem à escrita, Saramago “constrói a narrativa que poderá mesmo conduzir o leitor a uma sensação de haver dois viajantes nesta empreitada: um primeiro que assume o protagonismo da obra, e outro implícito que lhe segue as pisadas na sombra” (Gonçalves, 2013, p. 23). No entanto, este livro é, acima de tudo, “um passeio de um viajante por seu país” (Fernandes, 2016). Sabendo-se que o viajante “viajou por dentro de si mesmo” (Saramago, 2018, p. 16), facilmente se pode inferir que este é uns dos “melhores guias para o pensamento e coração de Saramago”, culminando numa “fascinante mistura de livro de viagens, história cultural e memória refletiva” (Griffin & Griffin, 2007, p. 357).



Viagem a Portugal demonstra, assim, que, mais de quarenta anos depois, “há um país a ser (re)descoberto” (Cabral, 2009, p. 2) e que uma rota associada ao referido livro pode contribuir para o seu desenvolvimento turístico, especialmente daquelas terras apelidadas por Saramago (2018, p. 366) como “terras marginais”.

## **ROTA TEMÁTICA: A PERTINÊNCIA E O IMPACTO**

A ligação entre a literatura e a deslocação dos indivíduos tem um longo historial, remontando, segundo Hendrix (2007, 2009), ao século XIV, ainda que o conceito de turismo literário e o verdadeiro desenvolvimento desta modalidade tenham surgido apenas no século XIX (Hendrix, 2009; Quinteiro et al., 2020; Robinson, 2016). Recentemente, fruto da busca por novas formas de desfrute turístico e por via de uma população cada vez mais instruída, a procura por experiências que unam o turismo e a literatura tem assistido a um forte crescimento. Enquadrada numa rota ou não, a ligação entre turismo e literatura é conhecida como turismo literário. Na atualidade, entende-se por turismo literário a “produção e consumo de locais, paisagens, museus, casas históricas e sepulturas” (Robinson, 2016, p. 558) ligadas a determinadas obras e/ou aos seus autores.

Segundo Mansfield (2015), o turismo literário pode ser tipificado em três abordagens possíveis:

- a) Baseado no texto, podendo ser centrado numa personagem ou nos locais presentes na obra;
- b) Baseado no autor, centrando-se no local onde o autor nasceu, viveu ou está sepultado ou ainda centrado nos locais onde o autor desenvolveu a sua atividade;
- c) Baseado na mediação e promoção, estando centrado em eventos, filmes ou objetos;

Uma rota temática, tal como a designação o deixa entender, obedece a um determinado tema. No caso em estudo, o tema central da rota seria o livro Viagem a Portugal, focando-se nos locais visitados e descritos por Saramago. Vários autores alertam, no entanto, para o facto do conceito de “rota” ser muito genérico, não existindo uma definição fechada e consensual (Ward-Perkins et al., 2020). No entanto, pode considerar-se como “rota” uma forma de ligar vários locais de um modo estruturado, permitindo conectar atrações e destinos (Ward-Perkins et al., 2020). A Organização Mundial do Turismo (UNWTO) elenca alguns dos possíveis impactos da existência de uma rota temática:

- Promove os atributos de um destino, permitindo um destaque às características distintivas das regiões;
- Tem o potencial de espalhar a procura turística, beneficiando as regiões periféricas;



- Permite a um destino maduro rejuvenescer, criando novas estratégias para o desenvolvimento do produto turístico;
- Permite o desenvolvimento de um maior nível de coesão entre a indústria do turismo e a comunidade local (UNWTO, 2017).

Ilić et al. (2021) acrescentam ainda a possibilidade de atrair turistas com novos perfis, bem como a de aumentar a estadia e o consumo por parte dos visitantes. De fato, o propósito de Saramago na redação de *Viagem a Portugal* vai ao encontro de alguns dos requisitos elencados acima, com o autor a considerar que “as terras marginais são prediletas do turismo” (Saramago, 2018, p. 366) e, na opinião de Jacinto (2015, p.26), “sutis apelos à inclusão territorial feitos por um viajante comprometido com as pessoas e os territórios deserdados [...], na expectativa de reverter o ostracismo a que estão devotados”.

Lourens (2007) enumera alguns fatores de sucesso para uma rota turística. Segundo esta autora, uma rota deve ter na sua base um sólido estudo de mercado, assegurando que a mesma vai ao encontro das tendências mais recentes da procura. Deverá ser feito um levantamento dos recursos turísticos dos locais em causa, assegurando que estes estão de acordo com as exigências dos turistas e estudando qual o possível usufruto. Será igualmente necessário procurar um enquadramento na estratégia definida para o turismo a nível local e regional, bem como determinar a dimensão dos potenciais stakeholders envolvidos na rota. Deverá ainda ser criada uma identidade bastante clara para o projeto e ser determinada a estratégia para a ação no dia-a-dia. Por fim, importa prever a criação de um plano de gestão financeira adequado à dimensão do projeto.

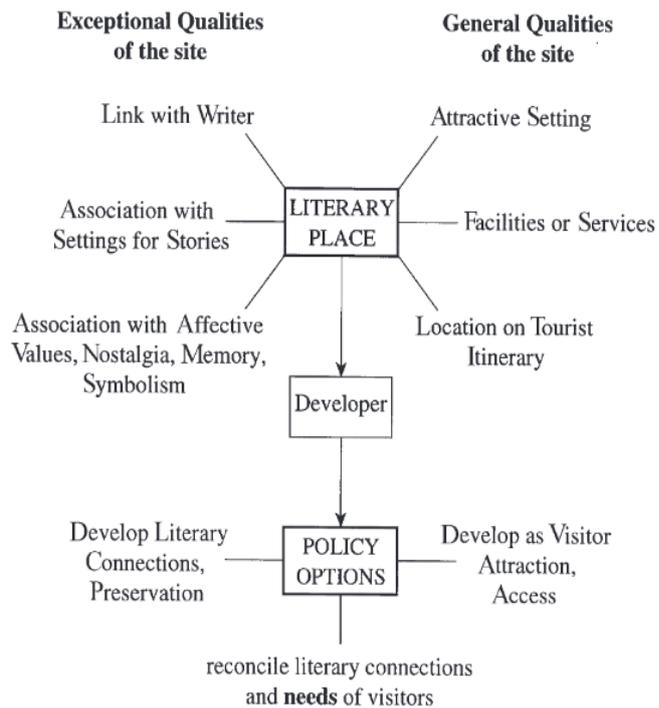
Uma rota baseada na obra em causa poderá ainda seguir algumas das tendências atuais do turismo, isto é, o retorno à autenticidade dos lugares – eventualmente ao Portugal de há 40 anos e que já não existe – e, por essa via, à vivência de uma experiência mais imersiva na cultura local (Ward-Perkins et al., 2020). Acresce aos aspectos mencionados anteriormente o que é defendido por Tideswell & Faulkner (2002), segundo os quais uma experiência “multidestinos” contribui para uma redução do risco de insatisfação por parte do visitante. Em simultâneo, Rodrigues et al. (2018) revelam a relação entre a existência de rotas e uma já comprovada maior estadia nos hotéis.

A pertinência desta rota e a riqueza do contributo da *Viagem a Portugal* é tal que Jacinto (2015, p. 20) reconhece a José Saramago o fato de que, mesmo “não sendo geógrafo, não deixava de estar munido de uma cultura territorial com que leu e interpretou o país”. Contudo, uma rota desta natureza não poderá ser desenvolvida sem obedecer a algumas características que garantirão as melhores condições de fruição. Herbert (2001) defende que, para garantir a qualidade dos locais e a sua plena fruição, proporcionando experiências com um significado singular, é desejável ter em conta alguns fatores (figura 2).



**Figura 2**

*Qualidades/características de uma atração literária*



Fonte: Herbert, 2001

Para tal, e sabendo-se que a rota que aqui vai ser proposta cobre grande parte do território português, a criação de condições de fruição e de uma experiência enriquecedora só será possível através da articulação entre entidade públicas e privadas. Neste sentido, uma rota com tamanha abrangência territorial apresenta, necessariamente, um grande desafio no que à gestão diz respeito, tornando-se num estímulo que “adiciona valor à oferta cultural de uma determinada zona” (Gracia, 2020, p. 13). Admite-se, por conseguinte, que para os locais incluídos na rota o retorno possa representar uma “significativa oportunidade para um crescimento econômico e um desenvolvimento inclusivo” (Cardia, 2018, p. 50).

## **PORTUGAL PELO PUNHO DE SARAMAGO**

Enfim, tome este livro como exemplo, nunca como modelo (Saramago, 2018, p. 16). Na “Apresentação” da obra, Saramago desafia o leitor à descoberta, encarando essa mesma apresentação como um “aviso simples ou prevenção, como aquele recado derradeiro que o viajante, já no limiar da porta, já postos os olhos no horizonte próximo, ainda deixa a quem lhe ficou a cuidar das flores” (Saramago, 2018, p. 15) e lembrando

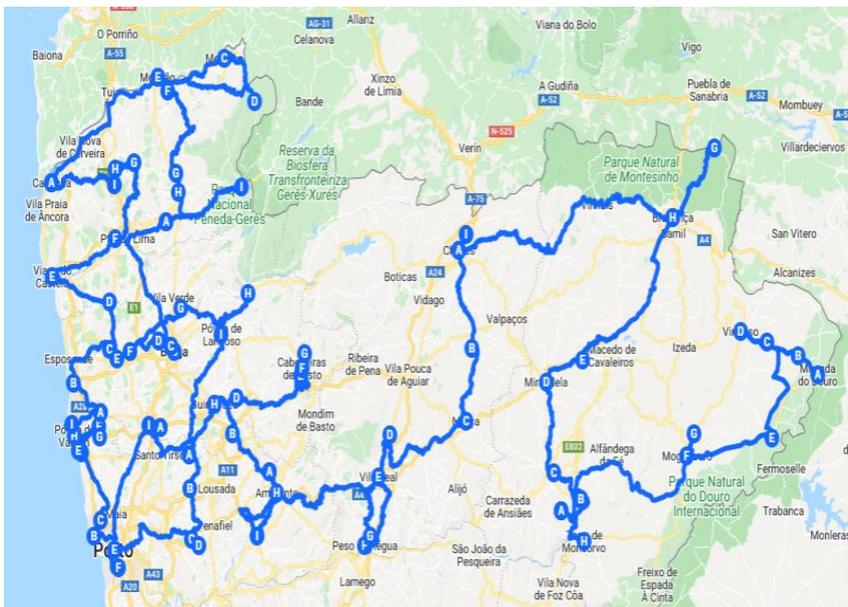


ao leitor que esta obra não é um “guia às ordens, ou roteiro que leva pela mão, ou catálogo geral” (Saramago, 2018, p. 15). Esta é, então, segundo o autor, uma história nas suas várias acepções, isto é, uma história de um viajante no interior da viagem que fez, de uma viagem que em si transportou o viajante e uma história de viagem e viajante reunidos.

Viagem a Portugal encontra-se dividida em seis capítulos em cujos títulos se nota facilmente a presença do prosador que foi também poeta, na criteriosa e artística escolha das palavras cuja sonoridade encanta nas suas aliteraões, nas suas correspondências rimáticas e cujo encadeamento cria um ritmo quase sempre binário, com alguns paralelismos que fazem lembrar a estrutura dos provérbios populares. Cada um desses capítulos corresponde a um percurso, iniciando-se pelo trajeto mais a norte, apelidado “De Nordeste a Noroeste, duro e dourado” (figura 3), conduzindo o leitor pelo país a norte do rio Douro, de Mirando do Douro a Torre de Moncorvo, do Porto a Monção, fazendo questão de percorrer a raia minhota, de visitar a fronteira em Rio de Onor e de calcorrear o interior montanhoso. Este é o percurso mais retalhado e complexo de toda a obra, com o autor a cobrir grande parte dos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real e Bragança.

**Figura 3**

*Percurso do capítulo “De Nordeste a Noroeste, duro e dourado”*



Fonte: Elaboração própria/www.Googlemaps.com



O capítulo seguinte, “Terras baixas, vizinhas do mar” (figura 4), leva-nos ao litoral centro, iniciando-se à saída de Vila Nova de Gaia e tendo como destino Santa Maria da Feira. Este percurso terá como ponto mais a sul a Figueira da Foz e Góis como o mais interior. Esta viagem faz-se em forma de “U”, percorrendo em direção ao sul o litoral até à Figueira Foz, indo posteriormente a Coimbra e Góis, voltando a subir em direção ao norte e visitando algumas localidades na transição do litoral para o interior.

Ao contrário do norte, a região centro é dividida em dois capítulos, sendo o primeiro dedicado ao território mais próximo do litoral e o segundo ao interior mais profundo.

**Figura 4**

*Percurso do capítulo “Terras baixas, vizinhas do mar”*



Fonte: Elaboração própria/ [www.Googlemaps.com](http://www.Googlemaps.com)

No terceiro capítulo, “Brandas Beiras de pedra, paciência” (figura 5), Saramago conduz o leitor pelo interior centro, iniciando a viagem na Guarda, percorrendo esta região numa complexa rede de percursos que se entrelaçam entre si, não sendo, desta forma, e à semelhança de outros períodos do livro, linear. Este conjunto de percursos irá calcorrear o território a este, norte e sul da Serra da Estrela, visitando



o interior centro profundo. A viagem deste capítulo termina em Abrantes, unindo o território que medeia entre o Douro e o Tejo.

## Figura 5

### *Percurso do capítulo “Brandas Beiras de pedra, paciência”*



Fonte: Elaboração própria/ [www.Googlemaps.com](http://www.Googlemaps.com)

No quarto capítulo, “Entre Mondego e Sado, parar em todo o lado” (figura 6), Saramago volta-se para o litoral centro. Se o capítulo anterior é encerrado junto ao rio Tejo, este irá iniciar-se no entroncamento entre o Zêzere e o Tejo, conduzindo posteriormente o leitor pela região de Lisboa, parte da região Oeste e o limite norte do Alentejo. Assim, Constância serve como pano de fundo para mais uma etapa que conduzirá o leitor até às portas do Alentejo.

Alcácer do Sal é, simultaneamente, o fim do quarto capítulo e o início do quinto, totalmente dedicado à “Grande e ardente terra de Alentejo” (figura 7), périplo complexo que visitará o Alentejo de norte a sul, entre o Parque Natural da Serra de S. Mamede e o Parque Natural do Vale do Guadiana.



Figura 6

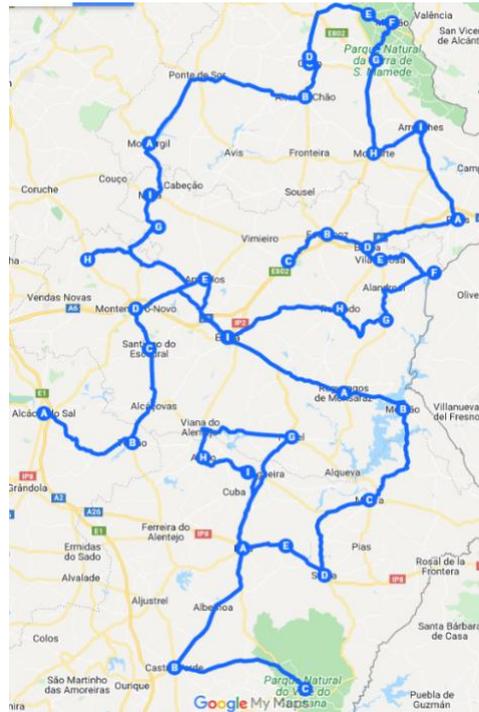
*Percurso do Capítulo “Entre Mondego e Sado, parar em todo o lado”*



Fonte: Elaboração própria/  
www.Googlemaps.com

Figura 7

*Percurso do capítulo “A grande e ardente terra de Alentejo”*



Fonte: Elaboração própria/  
www.Googlemaps.com

Por fim, “De Algarve e sol, pão seco e pão mole” (figura 8) encerra a obra saindo de Alcoutim, no limite entre o Alentejo e o Algarve, percorrendo este último de ponta a ponta, embora fugindo por vezes ao litoral. Chegado a Sagres, inicia a subida da costa ocidental do Algarve, terminando a etapa e a viagem na costa alentejana.



**Figura 6**

*Percurso do capítulo “De Algarve e sol, pão seco e pão mole”*



Fonte: Elaboração própria/ [www.Googlemaps.com](http://www.Googlemaps.com)

## **CONTRIBUTO PARA A CRIAÇÃO DE UMA ROTA SARAMAGUIANA**

Viaje segundo um seu projeto próprio, dê mínimos ouvidos à facilidade dos itinerários cómodos e de rasto pisado, aceite enganar-se na estrada e voltar atrás, ou, pelo contrário, persevere até inventar saídas desacostumadas para o mundo (Saramago, 2018, p. 16).

Como foi possível verificar acima, os percursos de Saramago não são lineares, enredando-se, não raras vezes, em complexas teias de percursos, dificultando, assim, a criação de uma rota turística tal como ela é habitualmente entendida. Ainda que não tenha sido essa a intenção do autor ao redigir *Viagem a Portugal*, a criação de uma rota turística tendo esta obra como base poderá permitir ao leitor/turista explorar o país na perspectiva de um autor singular, ainda que, volvidos 40 anos, o país já apresente profundas alterações. Precisamente por esse motivo, a dinamização de uma rota com base na referida obra, enquadrável na primeira abordagem da já citada tipologia proposta por Mansfield, permitirá aos viajantes não só desfrutar da companhia de uma notável narração, mas igualmente confrontá-la com a evolução do país nas últimas quatro décadas. É pertinente recordar que, apesar da complexa teia de percursos, o autor teve o cuidado de atribuir um peso a cada capítulo, proporcional à região que este representa (Jacinto, 2015).

São há muito conhecidos os impactos positivos para alguns destinos da existência de rotas associadas à literatura, proporcionando visibilidade aos municípios e regiões nelas incluídas e às obras dos autores. Neste contexto, os visitantes são atraídos pelas casas onde os escritores viveram e trabalharam, mas também pelos locais que



forneceram o ambiente às obra (Busby & Klug, 2001). Partindo do pressuposto de que a UNWTO (2019) considera o turismo literário como parte integrante do turismo cultural, torna-se lógico inferir que a existência de uma rota literária poderá contribuir para o enriquecimento da oferta neste segmento. Em Portugal já é possível desfrutar de várias, como a “Rota Literária de Cascais”, “Escritores a Norte”, “Passeios literários em Lisboa”, “Lisboa de Pessoa”, “Lisboa do Eça, a cidade do séc. XIX” ou “Geografia Agustiniana”. Estas são alimentadas pelas “casas-museu que existem um pouco por todo o país, [...] ou ainda [por] festivais literários que atraem visitantes de todo o mundo” (Milheiro, 2020, p. 101).

Saramago e a sua obra estão presentes nalgumas rotas já existentes, como, por exemplo, em Lisboa ou no Vale do Côa, recorrendo ao legado da obra *A viagem do elefante*. Todavia, ainda não estão estruturados projetos para a edificação de uma rota saramaguiana baseada na *Viagem a Portugal*, embora o texto de Saramago, nalgumas edições, seja acompanhado de mapas e fotografias, “conduzindo o leitor pelo trajeto da viagem empreendida pelo seu narrador” (Cabral, 2009). O vasto percurso através do qual o escritor deixou plasmada a imagem do país e das suas gentes surge, por conseguinte, como uma oportunidade para a criação de uma rota nacional ao estilo road trip, seguindo os passos do único português premiado com o Nobel da Literatura.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

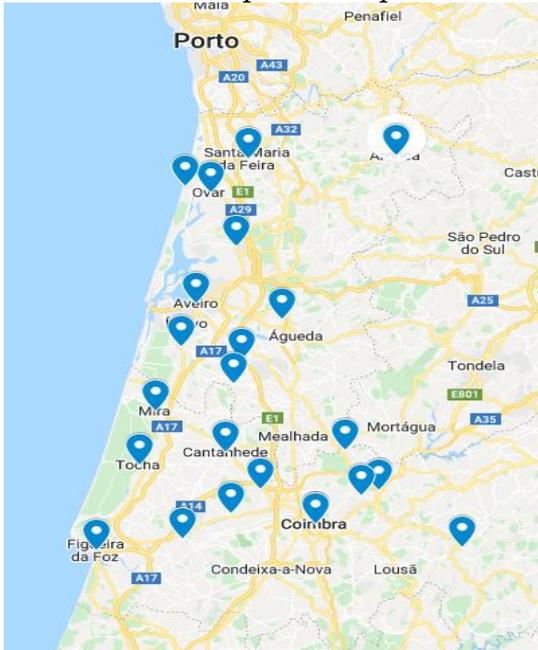
Respeitando a lógica criada pelo autor, a rota aqui proposta deverá apresentar uma subdivisão semelhante. Ao seguir este critério, assegura-se o respeito pela estrutura criada pelo “viajante”, permitindo aos visitantes uma imersão numa experiência o mais próxima possível à vivida pelo autor e vertida no referido livro.

Dado que o autor não pretendia fazer do livro um guia, fará sentido que a rota seja composta apenas pelos locais narrados, dando liberdade ao leitor para optar pelo percurso mais adequado e escolher os sítios a visitar, tal como se procura sugerir na figura 9, aqui apresentada como um exemplo daquilo que pode ser replicado para o resto do país.



Figura 7

*Pontos de visita para o capítulo "Terras baixas, vizinhas do mar"*



Fonte: Elaboração própria/ [www.Googlemaps.com](http://www.Googlemaps.com)

A contribuir para a justificação da opção por este critério encontra-se o fato de as rotas seguidas pelo autor serem retalhadas e, muitas vezes, passando nos mesmos locais várias vezes. Apesar das acessibilidades atuais serem, de uma forma geral, bastante melhores do que aquelas experimentadas por Saramago há quatro décadas, os inúmeros pontos descritos na obra implicam uma grande disponibilidade de tempo. Ao ser dada a liberdade para visitar os pontos desejados da rota, o turista poderá gerir o tempo, não sendo “obrigado” a percorrer todos os pontos ou todo o itinerário do autor. Aliás, quando o escritor defende que esta obra não é um “roteiro que leva pela mão” (Saramago, 2018, p. 15), está claramente a demonstrar que não é suposto o leitor seguir passo a passo o percurso dos diferentes lugares visitados, não sendo “forçadamente imposto um itinerário” (Saramago, 2018, p. 15).

Conforme já foi referido, este critério poderia ser replicado para todo o território, permitindo ao turista aceder a um inventário de todos os lugares reportados, de todas as histórias narradas, de todos os monumentos descritos e difundindo por todo o território nacional os benefícios atribuídos a uma rota turística.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É reconhecida a importância das rotas turísticas para o turismo, para a economia local e, no caso português, para o papel que podem desempenhar na dispersão da avalanche de turistas que, a partir da segunda década do século XXI, sobrelotou e quase sufocou os centros históricos de cidades como Lisboa e o Porto, não falando já dos destinos turísticos tradicionais como o litoral algarvio e a ilha da Madeira. Os especialistas e os estudiosos da área já concluíram que é cada vez mais premente o desenvolvimento de novos e diferenciados produtos turísticos. Ora a existência de uma obra orientada para todo o território continental abre inquestionavelmente as portas à criação de novas rotas turístico-literárias nas várias abordagens que as mesmas poderão assumir. E ainda que, neste caso, o autor não quisesse fazer de *Viagem a Portugal* um guia turístico, a forma como descreve o território, as suas gentes e tradições confere-lhe na atualidade um valor inestimável, não apenas para o conhecimento de um certo Portugal já desaparecido, mas também porque, a partir dos moldes em que esta obra está estruturada, se torna relativamente fácil partir para a criação daquilo a que aqui chamamos rota saramaguiana, de inegável riqueza etnográfica, antropológica, histórica e geográfica, para a qual neste ensaio se procura deixar um contributo.

## REFERÊNCIAS

- Alsina, A. C. (2006). Garrett e Saramago: viagens pela terra e escrita portuguesas. *Nau Literária. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*, 2(2), jul/dez. UFRGS, Porto Alegre. <https://doi.org/10.22456/1981-4526.5267>
- Belias, D., Vasiliadis, L., & Zaftis, E. (2020). The Impact of Cultural Routes on Traditional Settlements: The Case of Greece. *Springer Proceedings in Business and Economics*, 123–134. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-36342-0\\_10](https://doi.org/10.1007/978-3-030-36342-0_10)
- Bernier, X. (2013). Fringe areas and spatial peripheries of tourist routes and cultural itineraries: The dynamic of spatial interaction. Some reflexions on mountain routes. *Cahiers de Géographie du Québec*, 57(162), 359–378. <https://doi.org/10.7202/1026524AR>
- Besse, M. G. (2004). *Viagem a Portugal de José Saramago: une poétique du regard*. In Departamento de Estudos Portugueses e de Estudo Românicos. Secção de Estudos Franceses (Org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito* (pp. 47–56). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/9171>
- Brás, J. M., Costa, C., & Buhalis, D. (2010). Network analysis and wine routes: The case of the Bairrada Wine Route. *Service Industries Journal*, 30(10), 1621–1641. <https://doi.org/10.1080/02642060903580706>
- Busby, G., & Klug, J. (2001). Movie-induced tourism: The challenge of measurement and other issues. *Journal of Vacation Marketing*, 7(4). <https://doi.org/10.1177/135676670100700403>



- Cabral, S. A. (2009). *Que viajar é este? Descoberta e reflexão em Viagem a Portugal*, de José Saramago. *Revista Crioula*, 6. DLCV-FFLCH - Universidade de São Paulo. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2009.54973>
- Cabral, S. A. (2012). Uma cidade, dois olhares: Lisboa segundo Fernando Pessoa e José Saramago. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, 9, 169-187, jul/dez. São Paulo. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/14413>
- Cabrera, J. M., & Segura, F. R. (2019). La geografía de los clásicos : rutas literarias para el fomento lector y promoción del patrimonio. *Tejuelo. Didáctica de la lengua y la literatura. Educación*, 29, 217–244.
- Cardia, G. (2018). Routes and Itineraries as a Means of Contribution for Sustainable Tourism Development. In V. Katsoni & K. Velandar (Eds.), *Innovative Approaches to Tourism and Leisure: Fourth International Conference IACuDiT* (pp. 17–33). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-67603-6\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-67603-6_2)
- Chiodo, E., Giordano, L., Tubi, J., & Salvatore, R. (2020). Wine routes and sustainable social organization within local tourist supply: Case studies of two italian regions. *Sustainability (Switzerland)*, 12(22), 1–18. <https://doi.org/10.3390/su12229388>
- Chountala, V., Chountalas, P., Magoutas, A., & Mavragani, E. (2019). The cultural route of Hercules: Mapping the tourist's perspective. *International Journal of Tourism Policy*, 9(2), 131–154. <https://doi.org/10.1504/IJTP.2019.102638>
- Cruz-Ruiz, E., Zamarreño-Aramendia, G., & de la Cruz, E. R. R. (2020). Key elements for the design of a wine route. The case of la axarquía in Málaga (Spain). *Sustainability (Switzerland)*, 12(21), 1–19. <https://doi.org/10.3390/su12219242>
- Dayoub, B., Yang, P., Dayoub, A., Omran, S., & Li, H. (2020). The role of cultural routes in sustainable tourism development: A case study of Syria's spiritual route. *International Journal of Sustainable Development and Planning*, 15(6), 865–874. <https://doi.org/10.18280/ijstdp.150610>
- Denstadli, J. M., & Jacobsen, J. K. S. (2011). The long and winding road: Perceived quality of scenic tourism routes. *Tourism Management*, 32. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.tourman.2010.06.014>
- Fernandes, D. C. (2014). *Literatura e Fotografia em Viagem a Portugal*, de José Saramago. *UniLetras*, 36(1), 33–34.
- Fernandes, D. C. (2016). *Do Mar à Terra: «Viagem a Portugal», de José Saramago, e o retorno da literatura de viagens*. Universidade de Coimbra.
- Ged, F. (2014). Routes culturelles et patrimoines au Guizhou (Chine) : chemins anciens et réseaux. *Cahiers de géographie du Québec*, 57(162), 461–477. <https://doi.org/10.7202/1026529ar>
- Gonçalves, F., Fernandes, C., Pimenta, E., & Rachão, S. (2012). A new research approach for religious tourism: The case study of the Portuguese route to Santiago. *International Journal of Tourism Policy*, 4(2), 83. <https://doi.org/10.1504/IJTP.2012.048996>



- Gonçalves, M. de M. (2013). José Saramago: da viagem ao viajante. Universidade de Lisboa.
- Gracia, F. F. (2020). Un perfil de viajero literario: el caso de las rutas literarias pirenaicas. *Alabe Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura*, 11(21), 1–19. <https://doi.org/10.15645/Alabe2020.21.1>
- Griffin, J. O., & Griffin, W. D. (2007). Spain and Portugal a reference guide from the Renaissance to the present. In *Facts on File library of world history*. Facts on File.  
<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&scope=site&db=nlebk&db=nlabk&AN=202557>
- Hendrix, H. (2007). The early modern invention of literary tourism: Petrarch's houses in France and Italy. In H. Hendrix (Ed.), *Writers' Houses and the Making of Memory* (pp. 15–30). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203939680>
- Hendrix, H. (2009). From Early Modern to Romantic Literary Tourism: A Diachronical Perspective. Em N. J. Watson (Ed.), *Literary Tourism and Nineteenth-Century Culture* (pp. 13–24). Palgrave Macmillan.  
[https://doi.org/10.1057/9780230234109\\_2](https://doi.org/10.1057/9780230234109_2)
- Henn, D. (2003). Places and people: José Saramago's Viagem a Portugal. In *Portuguese Studies*, 19 (1), 175–186.
- Herbert, D. (2001). Literary places, tourism, and the heritage experience. *Annals of Tourism Research*, 28(2), 312–333. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(00\)00048-7](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(00)00048-7)
- Hmidani, Z., & Sguenfle, M. (2018). Tourist routes at Tafilalet oasis and prospects of territorial development. *International Journal of Scientific Management and Tourism*. 4-3: 139-147.
- Ilić, J., Lukić, T., Besermenji, S., & Blešić, I. (2021). Creating a literary route through the city core: Tourism product testing. *Journal of the Geographical Institute Jovan Cvijic SASA*, 71(1), 91–105. <https://doi.org/10.2298/IJGI2101091I>
- Jacinto, R. (2015). (D)Escrever a terra: geografia, literatura, viagem. *A Geografia de Portugal segundo José Saramago*. *GEOgraphia*, 17(33), 9. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2015.v17i33.a13696>
- Jacquet, O., & Laferte, G. (2013). The Wine Route and emergence of wine-related tourism in Burgundy between the two world wars. *Cahiers de Géographie du Québec*, 57(162), 425–444. <https://doi.org/10.7202/1026527ar>
- Kanán, R. U. (2021). El sentido del viaje y el paisaje en Saramago. *Finisterra*, LVI(116), 3-18. ISSN: 0430-5027 doi: 10.18055/Finis19255
- Kowalczyk, A. (2003). Wine routes - A new form of tourist stimulation of rural areas. *Prace i Studia Geograficzne*, 32, 69–98.
- Leal, M. (1999). Viagem a Portugal. Os passos do viajante. *Colóquio/Letras*, 151/152, 191-204.
- Li, R., Lu, Z., & Li, J. (2011). The calculation method of landscape perception sensitivity on sightseeing route in ecotourism destinations: A case study of Qixiagu scenic



- region in Wu'an National Geopark. *Dili Xuebao/Acta Geographica Sinica*, 66(2), 244–256.
- López-Guzmán, T., Cañizares, S. M. S., & García, R. (2009). Wine routes in Spain: A case study. *Tourism*, 57(4), 421–434.
- Lourens, M. (2007). Route tourism: A roadmap for successful destinations and local economic development. *Development Southern Africa*, 24(3), 475–490. <https://doi.org/10.1080/03768350701445574>
- Mansfield, C. (2015). *Researching Literary Tourism*. Bideford: Shadows Books & Media.
- Matoga, Ł., & Pawłowska, A. (2018). Off-the-beaten-track tourism: a new trend in the tourism development in historical European cities. A case study of the city of Krakow, Poland. *Current Issues in Tourism*, 21(14), 1644–1669. <https://doi.org/10.1080/13683500.2016.1212822>
- Milheiro, E. (2020). O Turismo Literário como elemento valorizador do Património Cultural de Portalegre. *Revista Aprender*, (40), 100–116. <http://aprender.esep.pt/index.php/aprender/article/view/129>
- Moreno-Lobato, A., Costa, C., & Hernández-Mogollón, J. M. (2020). Value creation in the cultural routes of the european council through the design of military tourism products. *Journal of Tourism and Development*, 2020(34), 53–64. doi: <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i34.22336>
- Mutana, S., & Mukwada, G. (2020). Can mountain route tourism work for the poor? Exploring worldviews from Maluti Route in the Drakensberg Region of South Africa. *Tourism and Hospitality Research*, 20(1), 18–30. <https://doi.org/10.1177/1467358418791312>
- Øian, H. (2019). Pilgrim routes as contested spaces in Norway. *Tourism Geographies*, 21(3), 422–441. <https://doi.org/10.1080/14616688.2018.1522511>
- Pereira, A. (2003). *Onomástica Portuguesa: Viagem a Portugal de José Saramago*. XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.
- Quinteiro, S., Gonçalves, A. R., & Carreira, V. (2020). Caracterização e Análise do Potencial de Desenvolvimento do Turismo Cultural Literário em Coimbra. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 56, 85–99.
- Robinson, M. (2016). *Literary Tourism*. In J. Jafari & H. Xiao (Eds.), *Encyclopedia of Tourism*. Springer International Publishing.
- Rodrigues, S., Santos, E., Oliveira, M., & Santos, M. (2018). The offer of tourist routes to increase the tourist's stay in hotels. *Proceedings of the International Conference on Tourism Research*, 121–128.
- Rubén Pérez, L., Martínez, L. M., & Galindo, S. L. (2020). El fomento de rutas turístico-literarias en el Caribe: el caso de Aracataca y la “Ruta Macondo”. *Turismo y Sociedad*, 27, 57–76. <https://doi.org/10.18601/01207555.n27.03>
- Sabino, R., & Simões, J. M. (2020). «Estar mais e andar menos»: A experiência do medievo na Viagem a Portugal de José Saramago. In C. Reis (Ed.), *José Saramago: 20 anos com o Prémio Nobel*. Imprensa da Universidade de Coimbra.



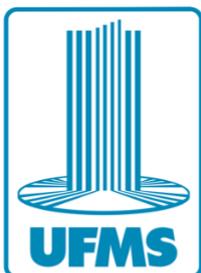
- Sacramento, O. A. (2011). Viajando por terras portuguesas: um estudo de Janelas verdes, de Murilo Mendes, e Viagem a Portugal, de José Saramago. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Saramago, J. (2018). Viagem a Portugal (26.<sup>a</sup> ed). Porto: Porto Editora.
- Telfer, D. J. (2001). Strategic alliances along the Niagara Wine Route. *Tourism Management*, 22(1), 21–30. [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(00\)00033-9](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(00)00033-9)
- Tiago, M. C. (2012). Na estrada com José, no mar com Manoel: a construção das representações espaço-temporais em «Viagem a Portugal» de José Saramago e em «Um filme falado» de Manoel de Oliveira. Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Tideswell, C., & Faulkner, B. (2002). Multi-destination tourist travel: Some preliminary findings on international visitors' exploration of Australia. *Tourism*, 50(2).
- UNWTO. (2017). Handbook on Marketing Transnational Tourism Themes and Routes. In Handbook on Marketing Transnational Tourism Themes and Routes. UNWTO. <https://doi.org/10.18111/9789284419166>
- UNWTO. (2019). UNWTO Tourism definitions. <https://doi.org/10.18111/9789284420858>
- Ward-Perkins, D., Beckman, C., & Ellis, J. (2020). *Tourism Routes and Trails: Theory and Practice*. CABI.

---

## INFORMAÇÃO (ÕES) DO (S) AUTOR (ES)

- \*1 Doutor em Turismo pela Universidade de Aveiro (2021). Atualmente é Professor Adjunto do Instituto Superior de Línguas e Administração de Gaia (ISLA Gaia) e pesquisador do GOVCOPP. E-mail: vitor\_alsa@hotmail.com
- \*2 Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de Toulouse-Le Mirail. Atualmente é Professor Auxiliar na Universidade da Maia e no Instituto Politécnico da Maia e membro do N2i - Núcleo de Investigação do Instituto Politécnico da Maia. E-mail: mdtojal29@gmail.com

## REVISTA CIENTÍFICA ATELIE DO TURISMO – VINCULADA A



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MATO GROSSO DO SUL**